

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

Ana Luísa Alves Ferreira

**PARA QUE NÃO SEJA TARDE: o Ensino de Teatro para adolescentes por meio
da fotografia, tendo como tema as perdas na vida**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo
apresentado ao Curso de Graduação em Teatro –
Licenciatura – Escola de Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais, como quesito parcial para
obtenção de título de Licenciada em Teatro.

Prof. Orientador: Eugênio Tadeu Pereira.

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Colegiado do Curso de Graduação em Teatro
colteatro@eba.ufmg.br
(31xx) 3409 5385

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO / Habilitação Licenciatura

FOLHA DE APROVAÇÃO

Às 14:00hs do dia 16/06/2023, reuniu-se, presencialmente no Espaço Azul do Prédio do Teatro, a Banca Examinadora, constituída pelos professores: Eugênio Tadeu Pereira, José Eduardo Borges Moreira e Marina Marcondes Machado, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente Ana Luísa Alves Ferreira, intitulado “Para que não seja tarde: o Ensino do Teatro para adolescentes por meio da fotografia, tendo como tema as perdas na vida”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

A candidata foi considerada APROVADA.

Prof. Eugênio Tadeu Pereira – Orientador

Prof. José Eduardo Borges Moreira – Membro

Profa. Marina Marcondes Machado – Membro

Belo Horizonte, 16 de junho de 2023.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – A perda de uma pena.....	16
Fotografia 2 – A perda de um amor.....	17
Fotografia 3 – A perda de alguém querido.....	18
Fotografia 4 – A perda de uma construção.....	19
Fotografia 5 – A perda da fruta que apodrece.....	20

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo apoio durante todas as minhas tentativas e caminhadas para alcançar meu sonho de estudar teatro. À minha mãe que me apoiou quando eu mais precisei, me fazendo companhia para que eu desse conta de continuar seguindo com a vida. Ao meu pai por desejar tanto que eu seja feliz e pelas horas que passa me ouvindo quando eu preciso. Agradeço ao professor Eugênio Tadeu Pereira que me aceitou como orientanda e me guiou com paciência e entusiasmo nesse processo tão conturbado que foi, para mim, o TCC. Agradeço ao professor Zé Du por ter me aceitado como estagiária, me deixado acompanhar as suas aulas e me cedido aulas para que eu aprendesse e fizesse as horas de regência. Agradeço à professora Marina Marcondes Machado que ministrou a disciplina “Fazer Arte com Tristeza” que foi um guia para meus estudos. Agradeço também aos meus colegas e amigos Maria Marta Cordeiro e Manoel Senra que me cederam seus textos para que servissem de exemplo no meu estudo. Agradeço à Alana Carolina Coura que me acompanhou em todo o processo da graduação, enfrentou junto comigo as dificuldades que apareceram durante o percurso, fez os estágios III e IV comigo e agora me apoia tanto neste trabalho. Agradeço ao Matheus Cunha e à Mariana Ozório por me fazerem refletir sobre o que escrevi. Agradeço a Gabriela Ribeiro por me ajudar quando precisei. E, por fim, agradeço ao Mateus Vilela por me apoiar durante todo o processo de escrita desse artigo.

**Para que não seja tarde: o Ensino de Teatro para adolescentes por meio da
fotografia, tendo como tema as perdas na vida**

Ana Luísa Alves Ferreira¹

Prof. Orientador: Eugênio Tadeu Pereira²

Resumo: O presente estudo tem como objetivo geral o ensino de dramaturgia de cenas curtas para adolescentes do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Técnico da UFMG (COLTEC – UFMG) por meio da fotografia, tendo como tema base as perdas que podemos encontrar durante a vida. Ele teve como propósito ensinar teatro, incentivar o interesse dos alunos a essa área e abordar um tema necessário para lidar, principalmente nessa fase da vida, na escola formal. O relato dessa vivência foi aqui dividido nos seguintes tópicos: *A Fila de Espera*; *A Escolha*; *A Proposta*; *O Processo*; e *Considerações Finais*. Iniciamos com o ensino de dramaturgia de cenas curtas, para depois introduzir o tema perdas e, então, propor que tirassem uma foto cada sobre o tema. Para finalizarem o processo, os estudantes foram divididos em grupos para que unissem as fotos de cada um do grupo na criação de uma dramaturgia de cena curta. A experiência apresenta pontos positivos, como a introdução do teatro na vida dos alunos, o aumento da socialização e reflexões sobre o significado das fotos que produziam relacionadas às perdas em nossa vida. Ao mesmo tempo, essa vivência demonstra a necessidade de um estudo maior sobre a divisão do tempo de aula e o preparo para o ensino.

Palavras-chave: perdas; fotografia; dramaturgia de cenas curtas; licenciatura em teatro.

Abstract: The present study has as general aim the teaching of dramaturgy of short scenes for teenagers of the first year of High School of the Technical School of UFMG (Colégio Técnico- COLTEC – UFMG) through photography, having as base theme the losses that we can find during the life. Its purpose was to teach theater, to encourage students' interest in this area and to address a topic that was necessary to deal with, especially at this stage of life, in formal school. The report of this experience was shared here into the following topics: The Waiting

¹ Graduanda em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG (Licenciatura 2023). Estudante do curso técnico em teatro, Teatro Universitário da UFMG. Bolsista do programa Polos e Cidadania (2022-2023).

² Brincante, diretor teatral e artista cênico. Integrante do Grupo Serelepe. Membro do Movimento da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha–MOCILyC, da Rede Voz e Cena, da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas–ABRACE e do MOVMI–Movimento Música e Infância. Graduado em Educação Artística – ESMU-UEMG, Mestre em Educação–FaE-UFMG, Doutor em Artes–ECA-USP, Pós-Doutor-UMINHO. Professor aposentado da Escola de Belas Artes/UFMG. Foi integrante e fundador do Duo Rodapião e do Pandalelê: Laboratório de brincadeiras CP-UFMG.

Queue; The choice; The proposal; The process; and Final Considerations. We started with teaching of dramaturgy of short scenes, to later introduce the theme of loss and, then, propose that they take a picture each on the theme. To end the process, the students were divided into groups so that they could combine the photos of each one of the group in the creation of a short scene dramaturgy. The experience has strengths, such as the introduction of theater in the students' lives, increased socialization and reflections on the meaning of the photos they produced related to the losses in our lives. At the same time, this experience demonstrates the need for further study on the division of class time and preparation for teaching.

Keywords: losses; photography; short scene dramaturgy; degree in theater.

A FILA DE ESPERA

Entrei no site e me colocaram em uma fila. Eram 62 pessoas na minha frente. De repente se tornaram 59. Mas o que aconteceu com as outras 3 pessoas? Foram atendidas? Desistiram de esperar? Desistiram de viver? Foi isso que passou na minha cabeça enquanto esperava para poder conversar no Centro de Valorização da Vida (CVV). Pensei que era um absurdo te colocarem em uma fila, que era absurdo existirem tantas pessoas no Brasil, naquele exato momento, que pensavam em desistir de sua própria existência, no entanto e ao mesmo tempo, me senti grata por não ser uma das minhas piores noites. Eu dava conta de esperar. No entanto, até chegar a minha vez, tive tempo de melhorar e preferi não conversar.

Não conversar costuma me parecer a escolha mais fácil quando estou mal. Porém, a sensação de solidão parece aumentar a cada vez que prefiro o silêncio. Poderia ser diferente? Eu poderia lidar com as minhas questões de uma forma menos solitária e angustiante?

Cresci fora da metrópole e, por isso, foi possível manter o mesmo grupo de amigos por toda infância e adolescência. Um grupo que cresceu junto e perdeu junto. Perdemos o inevitável, como os dentes de leite, uma roupa, um caderno, amizades, parentes, animais de estimação, perdemos a hora muitas vezes, perdemos uma partida de futebol, um jogo de tabuleiro, perdemos também uma certa inocência que nos acompanhava na infância. Alguns perderam essa inocência até cedo demais e da pior forma possível. Perdemo-nos de nós mesmos nas mudanças da pré-adolescência, nos perdemos de vista e, por isso, nos afastamos por um tempo. Perdi um ente querido em um abril dos nossos 17 anos, e essa se tornou a dor de todos os meus aniversários. O que uma perda nos faz sentir pode ir além de dor e da saudade, pode chegar na culpa e na angústia incessante.

Pensando nisso, ao ser aluna na disciplina Fazer Arte com Tristeza, da graduação em Teatro, ministrada pela professora da Escola de Belas da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFG), Marina Marcondes Machado, desejei poder ensinar um teatro que acrescentasse o trabalho com as perdas no ensino escolar formal junto a adolescentes. Dessa forma, poderia colaborar para a formação de alunos que pudessem transformar suas perdas em arte ou ao menos ter um contato com o tema de forma menos traumática.

Durante minha trajetória nesse curso fiz a disciplina de dramaturgia três vezes, sendo a Introdução a Dramaturgia com o professor Antonio Barreto Hildebrando, a Práticas de ensino C: Laboratório de Práticas Teatrais Dramatúrgicas com a professora Marina Machado e a Tópicos em Dramaturgia e Teatro com o professor Paulo Vinícius Bio Toledo. Cada uma dessas disciplinas colaborou de alguma forma para o estudo de dramaturgia que foi aproveitado nas minhas horas de regência do Estágio IV. O professor Hildebrando nos ensinou sobre as diferentes formas de dramaturgia, nos fez refletir sobre o que é considerado dramaturgia. A professora Marina nos ensinou sobre o formato de dramaturgias de cenas curtas e sobre como isso poderia ser utilizado em sala de aula. E o professor Paulo nos ensinou sobre os formatos tradicionais e sobre o desenvolvimento da dramaturgia.

Nos estágios obrigatórios da formação de Licenciatura em Teatro da EBA-UFG, tive a oportunidade de estudar, aprender, observar e colocar em prática, com as turmas que acompanhei, o que aprendi durante a graduação e o que desejei fazer. Na vivência com o primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Técnico - UFG (COLTEC - UFG) acompanhei aulas de Artes³. Por todo o período do estágio tive como colega, a aluna Alana Carolina Coura, que elaborou comigo as horas de regência. Durante essas aulas, o professor José Eduardo Borges Moreira, aqui chamado carinhosamente de Zé Du, como é conhecido, nos disponibilizou aulas nas quais decidimos trabalhar com a fotografia e o teatro ao mesmo tempo.

Desenvolvemos, então, a proposta de que os alunos tirassem uma foto para a produção de uma dramaturgia de cena curta. Unindo as duas áreas de estudo, fotografia e teatro. Ao final, recebemos o retorno sobre o que os alunos sentiram e acharam em relação a aula. Com isso, pudemos refletir sobre o que realmente funcionou e o que deveria ser aprimorado. Iniciarei explicando o porquê de escolher o COLTEC-UFG como meu local de estágio.

³ Aulas de Artes com ênfase em artes visuais, fotografia e vídeo.

A ESCOLHA

O estágio obrigatório no Brasil é definido pela lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, e segundo o *site* planalto.gov.br, acessado em 20 de maio de 2023,

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

No Currículo da Licenciatura em Teatro da EBA-UFMG, a disciplina Análise da Prática e Estágio de Teatro IV, segundo o documento de plano de ensino da disciplina disponibilizado no sistema Moodle, possui como ementa: “elaboração de relatório: sistematização e análise crítica da prática desenvolvida no ensino de Teatro na Escola; Adequação de projeto; Atividade de regência e avaliação em escolas de Educação Básica – Ensino Médio.”

Somado a isso, ainda de acordo com o documento do plano de ensino, a disciplina tem como objetivo geral para o professor da Faculdade de Educação da UFMG, Vinícius da Silva Lório: “vivenciar experiências de planejamento, colaboração, mediação e análise da prática pedagógica durante o exercício da docência em Teatro, no Ensino Médio, em atividades pedagógicas que envolvam Arte e Educação, com enfoque na prática teatral.”

Segundo o *site*⁴ do COLTEC – UFMG, a proposta político-pedagógica do colégio tem como objetivos principais formar profissionais técnicos de nível médio, exercer a democratização do ensino criando o espaço para a entrada de diferentes camadas sociais e priorizar ações políticas, pedagógicas e socioculturais para uma troca mútua de benefícios entre o colégio e a sociedade.

A escolha pelo COLTEC – UFMG como local de continuidade para meus estágios obrigatórios foi devido aos fatores de: acreditar na potencialidade do ensino da UFMG, a vontade de conhecer mais o espaço e os projetos da universidade, porque o estágio era no Ensino Médio e pela proximidade em relação a distância do colégio até a minha casa.

Conhecendo as Turmas

Ao optar pelo COLTEC – UFMG e ser aceita como estagiária, eu e minha colega Alana fomos direcionadas às turmas do 1º ano, pois é nesse primeiro ano de estudos dos alunos em que eles recebem as aulas de Artes cuja ênfase optada pela Escola é em artes visuais, fotografia

⁴ <https://www.coltec.ufmg.br/coltec-ufmg/>
Acesso em: 15 de maio de 2023

e vídeo. Então, acompanhamos as aulas do professor Zé Du. Eram quatro turmas, chamadas de turma 101, turma 102, turma 104 e turma 106, é um ano escolar em que as idades variam entre os 14 aos 16 anos. As primeiras aulas que acompanhei, setembro de 2022, todos nós ainda usávamos máscaras, porém, a partir do dia 15 de setembro já não era obrigatório e, então, pude conhecer o rosto de todos.

Quando iniciei o estágio, os discentes estavam aprendendo sobre o uso da câmera de celular para gravar um vídeo. O professor estava explicando que a iluminação, o posicionamento, o enquadramento e a forma de produzir esse vídeo não houvesse movimentos com a câmera, pois essas dicas estavam sendo consideradas como pontos principais a se preocupar na gravação.

Além desse estudo, os estudantes estavam recebendo, como exemplo, publicidades antigas que disseminavam preconceitos e outras mais atuais que iam contra alguma forma de preconceito. A partir disso, eles estavam sendo direcionados a pensar e criar publicidades e, para isso, deveriam produzir uma foto que representasse a crítica a esses preconceitos. Durante esse processo nos foram concedidas duas aulas de cada uma das quatro turmas para que pudessemos praticar o ensino de teatro.

A PROPOSTA

Ao conversar sobre nossos desejos e intenções de ensino, eu e Alana decidimos focar no processo de criação de dramaturgias curtas, sem abandonar o estudo prévio em fotografias que os alunos já estavam realizando. Somado a isso, manifestei o meu interesse em ter como tema central as perdas que acontecem durante a vida. Podendo ser qualquer tipo de perda, como a perda de cabelo, de tempo ou até mesmo a morte.

Para produzirmos essa aula criamos *slides* em que apresentávamos o conceito de dramaturgia, demonstrávamos como funciona a criação de uma em formato curto e, em seguida, utilizávamos como exemplo algumas dramaturgias curtas que abordavam o tema perdas. Em seguida irei demonstrar como foi realizado esse processo.

Dramaturgias de Cenas Curtas: Tema Perdas

A escolha do ensino de dramaturgia veio da vontade de trabalhar com o teatro e fotografia ao mesmo tempo. A proposta montada por mim e Alana Coura, como disse acima, se iniciava com uma aula sobre dramaturgia de cenas curtas na qual utilizamos de *slides* para demonstrar exemplos e definições do termo.

O termo dramaturgia é definido no “Dicionário de Teatro”, de Patrice Pavis (1999). Sobre dramaturgia, Pavis explica que

A dramaturgia, no seu sentido mais genérico, é a técnica (ou a poética) da arte dramática, que procura estabelecer os princípios de construção da obra, seja indutivamente a partir de exemplos concretos, seja dedutivamente a partir de um sistema de princípios abstratos. Esta noção pressupõe um conjunto de regras especificamente teatrais cujo conhecimento é indispensável para escrever uma peça e analisá-la corretamente. (PAVIS, 1999, p.113)

Nas aulas da disciplina Tópicos em Teatro A – TP (Introdução à Dramaturgia), ministrada pelo professor Antônio Hildebrando, discutimos sobre como a dramaturgia pode ser um texto escrito, mas também o cenário, a iluminação, a movimentação, o silêncio, o gesto ou a musicalidade. Como afirmou o colega de classe Glauco Pulvirenti⁵, “Dramaturgia é o fio que tece toda a produção e encenação de um espetáculo. [...] É o roteiro das falas, das ações, dos sons e das luzes”⁶. A partir disso, podemos entendê-la como composição.

A pesquisadora Ana Pais (2004), em seu livro “Discurso da cumplicidade: dramaturgias contemporâneas”, propõe a dramaturgia como local de cumplicidade entre a concepção e a concretização do espetáculo, tendo o público como seu cúmplice. A partir disso, o colega Leonardo Mascarenhas⁷ afirmou que dramaturgia é

todo processo de construção de sentido narrativo de um trabalho artístico (independente da linguagem: cênica, audiovisual, de artes visuais, literária, etc.). Penso que diferentes recursos podem entrar em composição para fazer uma dramaturgia: no teatro: a luz pode fazer dramaturgia, uma trilha ou paisagem sonora, uma partitura corporal... de forma que não se trata apenas de texto. E o mesmo vale para outras linguagens artísticas (por exemplo: eu diria que há uma “dramaturgia” numa exposição de artes visuais, que é feita pelo encadeamento das obras, o percurso que é sugerido/imposto ao espectador, a luz que se utiliza, o tipo de material expográfico, etc).⁸

Hans Thies Lehmann (1999) introduz o termo dramaturgia pós-dramática ao observar as mudanças em relação ao teatro dramático que antes estava refém do texto e que passou a considerar outras linguagens artísticas. Para que acontecesse essa junção de manifestações artísticas, o corpo passou a ter mais valor em cena e o texto se tornou apenas mais um elemento cênico dentre os demais. O pós-dramático apresenta uma criação teatral que vai além do drama,

⁵ Glauco Pulvirenti Marques, graduando em Teatro (Licenciatura) pela UFMG, formado em técnico em atuação e produção teatral pela ETEC de Artes de São Paulo e bolsista do projeto de extensão Contos de Mitologia (FALE-UFMG).

⁶ Informação anotada na Disciplina Introdução à Dramaturgia, primeiro semestre de 2020.

⁷ Leo Mascarenhas é belorizontino, arte educador e pesquisador de teatro. Possui experiência nas áreas de teatro (atuação, dramaturgia, direção e iluminação), arte e educação, produção e gestão de projetos culturais, literatura marginal e educação popular. É licenciado em Teatro pela UFMG e também bacharel e mestre em Administração pela mesma instituição.

⁸ Informação anotada na Disciplina Introdução à Dramaturgia, primeiro semestre de 2020.

mas que não anula a existência da estrutura tradicional. Esse estilo de dramaturgia faz parte das dramaturgias contemporâneas.

Segundo a professora do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP, Sílvia Fernandes, a dramaturgia contemporânea é diversa, podendo ser “estruturada em padrões de ação e diálogo ou a partir de monólogos justapostos, tratando de problemas atuais de forma realista ou metaforizando grandes temas abstratos, hoje a peça de teatro desafia generalizações.” (FERNANDES, 2001, p.69)

Quando iniciamos no processo a união das fotos em cada grupo para a construção de uma dramaturgia de cena curta, que poderia ter um sentido realista ou ser abstrata, estávamos nos baseamos nas formas contemporâneas de enxergar o texto teatral que permite, assim como no chamado Teatro do Absurdo⁹, textos que não sigam uma linearidade lógica e temporal. Ao ler Fernandes, entendo que alguns assuntos e demandas atuais encontraram um problema na estrutura tradicional do texto teatral e, por isso, se tornou necessária essa abertura de possibilidades dramatúrgicas.

Perdas

Quando escolhi o tema perdas pensei em todo e qualquer tipo de perda, não necessariamente me referindo à morte, porém sabia que era um assunto que poderia aparecer nas escolhas dos alunos no momento da atividade. Por isso, estudei sobre a relevância de falar de morte nas escolas.

No livro de Lucélia Elizabeth Paiva (2008), “A arte de falar da morte para crianças”, que é a tese de doutorado defendida pela autora no Instituto de Psicologia da USP, é feita a reflexão do porquê falar da morte não apenas no âmbito da saúde, como também no da educação. Ela afirma que, devido a morte fazer parte da vida, ela também faz parte do universo infantil. Com isso, a autora demonstra ser necessário abordar esse tema com crianças. Tendo como referência esse trabalho de Paiva com as crianças, fiz uma transposição para os adolescentes, fazendo-me pensar na importância de poder abordar esse tema com esses jovens, que era a faixa etária em que eu estagiava.

Sobre falar da morte, Paiva questiona: “Por que não falar da morte, se é uma realidade que vivemos ao longo de nossas existências? Ao negá-la tão veementemente corremos risco de

⁹ Classificação, que surgiu no final da década de 1950, que aborda a desolação e solidão do homem moderno por meio de temas e estilos que diferem da dramaturgia tradicional realista.

banalizá-la, tornando-a indiferente a nós, tão presente e tão ocultada.” (PAIVA, 2008, p. 34). A autora também afirma que

A meu ver, subestima-se a criança alegando-se protegê-la. Para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas. E, por causa disso, reforçamos a dificuldade de lidar com as várias perdas vivenciadas ao longo da vida, com os valores mais diversos: o brinquedo quebrado, o animal de estimação que morre, o amiguinho que se mudou, a morte de alguém... É preciso lembrar que não podemos quantificar a dor, pois é individual, singular e subjetiva. (Op. Cit, p.37)

No caso dos adolescentes, eles já enfrentaram muitas perdas ao longo de suas vidas, porém, estão em uma fase em que esses acontecimentos estão muito presentes. Podem não ter abordado esse tema na infância, mas podem transformá-lo em arte na adolescência. Paiva explica que o professor é educador e formador, por isso, ele tem participação essencial na formação dos alunos como indivíduos. Segundo a autora, a partir disso, pode-se entender a escola como

[...] centro de informação e formação do indivíduo no processo de transformação da sociedade, de valores e de cidadania. É um agente transformador que permite atitudes reflexivas e críticas sobre a realidade e a humanidade. Deve também valorizar os aspectos afetivos, familiares, sociais, éticos e políticos para uma formação integral. (Op. Cit., p.53)

Tendo como base nisso, vejo a importância de abordar o tema perdas já que é algo que está presente na vida do ser humano de diversas formas, desde seu nascimento. Podendo iniciar pela perda do útero que dava a sensação de proteção em relação aos perigos externos, a perda da placenta que envolvia seu corpo, a do umbigo que cai, perda de cabelo, de dentes de leite, de um animal de estimação que morre ou some, a perda de contato com colegas das escolas que já estudou, entre diversas outras que vivenciamos durante a vida.

No livro “Psicologia e Educação: desenvolvimento humano adolescência e vida adulta”, Berta Weil Ferreira (2003) explica que é durante a adolescência que, ao se prepararem para a vida adulta, os indivíduos buscam ser eles mesmos, descobrindo suas características e gostos. A autora define que “para conseguir isto, precisam elaborar o luto pelo corpo, pelo papel e pela identidade infantis, e também pelos pais da infância, dos quais precisam se separar” (FERREIRA, 2003, p. 25). O jovem deixa de ser completamente dependente dos pais, para iniciar o processo de individualização.

Assim como no livro “Manual de Atenção à Saúde do Adolescente”, Andrea Hercowitz (2006) aponta que existem três grandes perdas na adolescência, sendo elas: o luto pela perda do corpo infantil, em que o corpo se modifica fora do controle do jovem; o luto pela perda da identidade infantil, em que o indivíduo passa a ter responsabilidades e deveres que são cobrados

pela sociedade; e o luto pela perda dos pais da infância, em que os pais saem do pedestal de infalíveis e passam a ser vistos como passíveis de erros e frágeis.

Essas perdas irão determinar diversos comportamentos dos jovens e ditar tendências comportamentais que foram explicadas por Aberastury e Knobel (1981) na Síndrome da Adolescência Normal. Trabalhar o tema perdas na adolescência se demonstra válido visto que é algo que acontece independente de nossas vontades e afeta nossas ações.

O artigo “Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência”, de Sylvia Regina Carmo Magalhães Senna e Maria Auxiliadora Dessen (2012), diz que essa é uma fase que não pode ser medida com um início e um fim e nem mesmo vista como única e universal, pois depende do contexto social, político, histórico e psicológico no qual o jovem está inserido. Percebo que apesar das perdas em comum que é parte da fase e que estão, existem as perdas individuais que dependem das vivências de cada um. Partindo desses referenciais, a proposta da nossa aula foi que os alunos pudessem demonstrar qualquer tipo de perda que viesse em suas mentes.

No artigo “Vida ou Morte para o Teatro Infantil? Contrapontos”, de Marina Marcondes Machado, a autora apresenta que

Em minha imaginação utópica há espaço para um teatro sem divisão de faixas etárias. Para que ele exista, os adultos precisam agachar-se: ir ao chão, onde a criança está – uma atitude de proximidade; e precisam compreender a potência do teatro, algo vivido no corpo, com enorme carga de discursividade e musicalidade, gesto e palavra: para dizer algo a alguém, em ação. (MACHADO, 2020, p.16)

Essa carga de discursividade citada pela autora me faz acreditar que o teatro é capaz de abordar esse tema para qualquer idade, visto que perda é algo que nos acompanha por toda vida. Foi uma tentativa de incluir à escola formal um espaço no qual pudéssemos, de forma artística, criar a partir desse acontecimento inevitável da vida. É uma tentativa de nos aproximar dos adolescentes e de que haja um diálogo entre nós, estagiárias e alunos. Buscávamos aguçar a criatividade e gerar reflexões críticas por meio da fotografia e do teatro.

Fotografando Perdas

Ao refletir sobre a proposta da criação de uma foto a partir de um tema, podemos encontrar uma correlação com o Teatro do Oprimido. Ele surgiu em um período de ditadura no Brasil, de 1964 até 1985, o que demandava uma busca pela transformação da realidade social, além de uma prática teatral reivindicativa, próxima do povo que mantivesse com frequência a presença do público. Augusto Boal (1931-2009), criador desse estudo, dramaturgo e diretor, acreditava na transformação da sociedade por meio do teatro e da comunicação. Ele não apoiava

a passividade do espectador quando o que está em cena se refere a algo real que está afetando a população

Dentro desse estilo/técnica, foi desenvolvido por Boal o Teatro Imagem que utiliza da linguagem não verbal para se comunicar. Uma das propostas feitas pelo Teatro Imagem, era de que o aluno fosse para casa com uma câmera fotográfica e tirasse uma foto que representasse um tema, por exemplo a opressão. Essa pode ser relacionada com a nossa proposta de que, em um tempo previamente estipulado, cada aluno pudesse andar pela escola e encontrar algo que o remetesse ao tema perdas para tirar uma foto.

O PROCESSO

Em nossa proposta de ensino a escolha de dramaturgia de cenas curtas veio a partir da oportunidade de aprender sobre esse formato durante a disciplina Práticas de ensino C: Laboratório de Práticas Teatrais Dramatúrgicas, ministrada pela professora da Marina Marcondes no segundo semestre de 2021. Apresento aqui algumas possibilidades de estímulos para que fizessem o trabalho. Uma delas, como exemplo de dramaturgia de cena curtíssima realizada nessa disciplina, foi a da estudante da Licenciatura Maria Marta Cordeiro. A cena criada por Maria Marta trata do tema perdas por uma conversa entre duas crianças sobre a separação de seus pais.

Personagens:

Joaquim, 10 anos, filho mais velho de Carla e Pedro

Sofia, 6 anos, filha caçula de Carla e Pedro

(No quarto de Sofia, Joaquim ajuda a irmã a ajeitar a cama para dormir)

Joaquim: Sofia, você sabe que a mãe e o pai não dormem juntos mais?

Sofia: Não... E você acha isso ruim?

Joaquim: *(tristonho)* Não sei...

(Sofia sorri meio sem graça)

(Joaquim se despede da irmã, beijando sua testa. Sofia se cobre e Joaquim apaga a luz do quarto e sai).

(No escuro do quarto, Sofia pensa alto).

Sofia: Eu acho bom, porque aí os sonhos não vão se misturar na cama...

Essa dramaturgia é um exemplo de texto dramatúrgico que é capaz de abordar o tema ao mesmo tempo que pode ser direcionado a todas as idades. Por isso, utilizei como demonstração para os alunos que iriam experimentar a criação a partir das propostas feitas por mim e Alana.

Além dela, também foi utilizado como estímulo para a criação das fotos e dramaturgias o texto escrito por mim, que diz

A Flor que Escolheu Ficar

Flores que desabrocharam juntas
em um pedaço pequeno de terra.
Tiveram, por isso, suas raízes entrelaçadas,
E, com isso, suas dores compartilhadas.
Sentindo um calor horrível que vinha de baixo,
cavaram esperando achar um vulcão.
Não encontraram o motivo do calor!
Lá embaixo, uma escolheu ficar,
as outras flores só perceberam quando já haviam voltado.
Precisaram apertar o entrelaço de suas raízes e galhos com toda força
para que ninguém mais quisesse no buraco ficar.
(*texto ainda em construção*)

Somado a essas duas referências, foi usada a dramaturgia de cena curtíssima do aluno de licenciatura, Manoel Teixeira Senra, que surgiu na mesma aula e da mesma proposta feita para Maria Marta. Ele também aborda o tema perdas a partir da visão de duas irmãs sobre a separação dos pais.

Personagens: Ana Júlia de 8 anos e Aline de 10 anos.

Situação: A noite, antes de dormir, Ana Júlia de 8 anos e Aline de 10 anos escutam seus pais brigarem por detrás da porta de seu quarto. Para a surpresa das meninas, a briga estava diferente das outras vezes em que aconteceu. O que resultou em seu pai gritando: “Vamos nos separar!”. Cada uma das irmãs volta para a cama em silêncio, mas sem esconder a tristeza.

Ana Júlia: Você acha mesmo que eles vão se separar?

Aline: Acredito que sim! E admito que fico até mais aliviada. Não aquento mais ouvir os dois brigando toda noite. (*Diz se arrumando para deitar*)

Ana Júlia: Você não se importa muito ne? Mas o que vai ser da mamãe e do papai separados? O que vai ser da gente?

Aline: Bem, eu vou ir morar com o papai. Adoro ir no cinema assistir aqueles filmes de terror com ele. Fora que também iria visitar a mamãe!

Ana Júlia: Eu ficaria com a mamãe. Tadinha! Ela vive comprando bonecas pra mim e me levando para tomar sorvete.

Aline: Ótimo! Então já decidimos. (*Diz animada*) Agora vamos dormir que esta tarde! (*Ela se deita e se vira para dormir*)

(*Silêncio*)

Ana Júlia: Aline.

Aline: Oi!

Ana Júlia: Se você vai ficar com o papai e eu com a mamãe, a gente vai se separar?

Silêncio no ambiente.

Aline: Não pense nisso agora, conversamos mais amanhã! (*Responde ela de forma fria para não transmitir seu medo para a irmã*).

(*Ambas adormecem. BLACKOUT*)

Esses três textos foram lidos em voz alta enquanto apareciam nos *slides*. Eles foram utilizados como dispositivos para impulsionar a criação dos alunos. Os estudantes não fizeram comentários durante as explicações, mas foi percebido por eles a escolha de escrita “eu vou ir” para a fala da personagem Aline no texto do Manoel, representando a forma como uma criança falaria.

A Fotografia

No artigo “A fotografia como estímulo para a construção de uma dramaturgia teatral”, de Joice Rodrigues de Lima, é explicado que a fotografia permite possibilidades “de levar o olhar de quem a aprecia para um outro universo, pertencente então ao sensível, ao campo do afeto” (LIMA, 2018, p.2). Partindo desse entendimento de que a fotografia deve afetar, causar identificação ou diálogo com o espectador, e considerando que, segundo Lima, no teatro o ator pode ter como ponto de partida um impulso interior, desejei que as fotos tiradas pelos alunos, sobre o tema perdas, servissem como esse condutor de criação teatral.

Lima, ao citar Entler (2005, p. 280), diz que a fotografia é uma interrupção no tempo, porém ela permanece com o sentido de sua continuidade “porque tal resultado está amparado por um conhecimento que nos leva invariavelmente a pensar no fluxo que foi ocultado”. É a criação a partir do “pensar no que foi ocultado” que nos serve como estímulo à dramaturgia.

Foi proposto que no período de 10 a 15 minutos cada aluno tirasse uma foto que remetesse à perda. Com isso, o tema perdas entra como a base para a criação e como o ponto de diálogo entre quem tira a foto e quem a aprecia. Deixamos claro que poderia ser sobre qualquer tipo de perda, esperávamos instigar nos alunos um impulso interior que os levassem a tirar fotos que contariam parte de uma dramaturgia.

As fotos realizadas pelos alunos variaram entre diferentes representações de perda, como a perda de cabelo, de tempo, de uma folha seca que cai de uma árvore, um inseto morto, um colega que simula estar morto enquanto os outros o velam, entre outras ideias. Para prosseguir com o processo, fomos para outra sala, que era maior e com mesas e cadeiras que saíam do lugar, para podermos separá-los em grupos.

Fotografia 1 – A perda de uma pena¹⁰



(Fonte: foto de estudante do COLTEC – UFMG – Fábio (nome fictício), outubro de 2022)

Dramaturgias de cenas curtas escritas pelos alunos

Na experiência no COLTEC - UFMG, para a construção de dramaturgias escritas, pensamos que seria possível com apenas um jogo, dentre os que aprendemos e utilizamos no Estágio III, realizar o processo de construção do texto no Estágio IV.

Ao separá-los em grupos de 5 ou 6 alunos, nos baseávamos em dinâmicas de jogos como o de “criação de histórias em conjunto”, no qual um grupo de pessoas se une e a cada momento um deve dizer uma parte da história. Por isso, entendemos que essa era uma boa forma de construir uma dramaturgia em grupo de forma fluida em que todos participassem. Buscávamos fomentar o prazer de escrever e de narrar e, também, desenvolver a criatividade. Alguns acharam ruim a divisão em grupos, perguntaram o porquê daquilo, queriam estar em um grupo que já estava totalmente ocupado por seus colegas, mas todos, por fim, aceitaram a proposta.

Cada grupo deveria escrever uma dramaturgia de cena curta que tivesse como base todas as fotos tiradas pelos seus integrantes. Surgiram dúvidas em relação à estrutura do texto, se era

¹⁰ Os títulos das fotos foram dados por mim.

obrigatório que tivessem falas, o que me fez refletir se a nossa explicação sobre dramaturgia havia sido bem executada.

Em suas dramaturgias os alunos abordaram o mesmo tema de diferentes formas, alguns mais próximos do realismo, outros do abstrato, fazendo rimas ou usando de figuras de linguagem, como a metáfora e a personificação. Seleccionando exemplos, temos

Criação 1:

Como uma flor que perde suas pétalas, um relacionamento se desgasta. Enfim alguém desiste, deixando a vida do antigo amante sem brilho, sem luz e sem cor.

Layla, 20 anos e Amelie, 23 anos, em um relacionamento que está se perdendo:

Amelie (*gritando e andando*): Layla, eu não quero mais! Não aguento mais!

Layla (*falando mansamente e indo atrás de Amelie*): Por favor meu amor, não se vá! Eu te amo tanto!

Amelie (*indo embora*): Não, não dá mais, não posso continuar assim.

Amelie vai embora entregando a aliança nas mãos de Layla, que cai no chão a chorar, à medida que as luzes da sua vida se apagam aos poucos. **BLACKOUT.**

Fotografia 2 – A perda de um amor



(Fonte: foto de estudante do COLTEC – UFMG – Jéssica (nome fictício), outubro de 2022)

Criação 2:

Traição

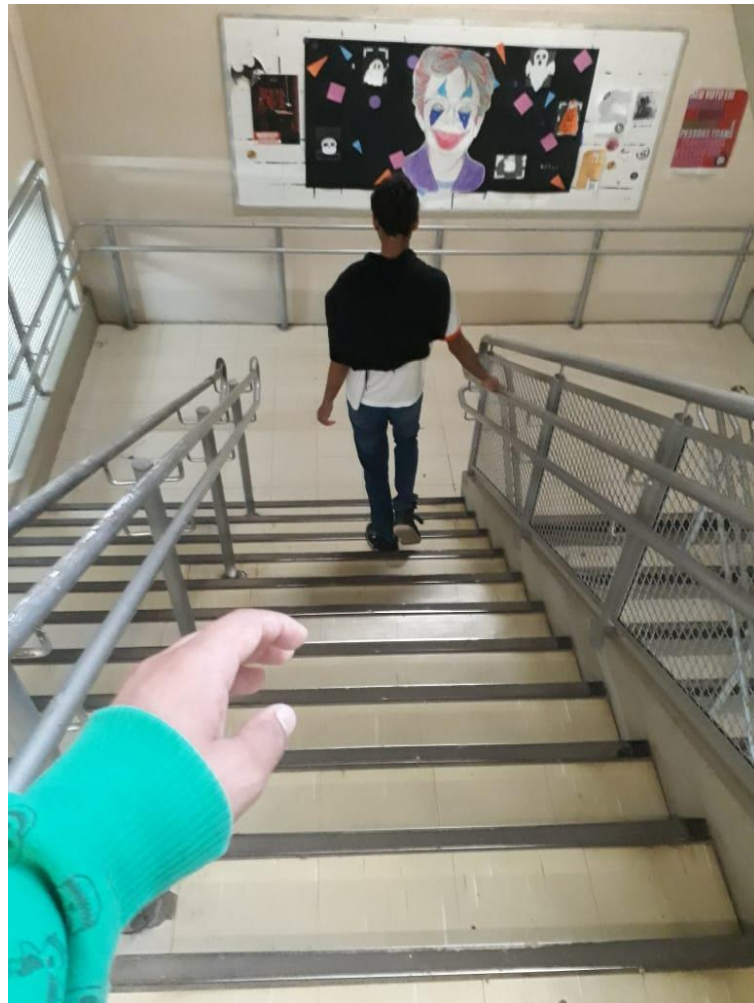
Personagem: Julia (15 anos)

(Julia é traída e fica extremamente triste, ela chora tanto ao ponto de fazer o COLTEC tremer por inteiro)

Julia: Isso não é justo! Eu não deveria passar por isso! O que eu fiz para merecer isso.
(Após o COLTEC tremer, rachaduras apareceram pelo prédio, árvores foram derrubadas e os frutos vieram ao chão)

(Julia come o fruto que caiu ao chão se sente aliviada).

Fotografia 3 – A perda de alguém querido



(Fonte: foto de estudante do COLTEC – UFMG – Laura (nome fictício), outubro de 2022)

Fotografia 4 – A perda de uma construção



(Fonte: foto de estudante do COLTEC – UFMG – Lucas (nome fictício), outubro de 2022)

Criação 3:

Personagem: Árvore, sem tempo estimado.

Situação: Vida.

(Uma árvore, velha, no seu último suspiro)

Árvore: Há uma vida dentro de mim que se transforma sem parar. Mesmo que deixe este mundo, de outra forma irei retornar.

(A velha árvore despenca. E em seu tronco morte reside a chama para a nova vida. Dele surge uma muda, que se questiona)

Muda: Por que estou aqui?

(A Muda continua a crescer deixando-se estar no tempo, como se a vida fosse água. Agora a Árvore crescida continua sem respostas e se questiona)

Árvore: Já estou a uma década aqui. Qual é o meu propósito? Olhando de cima tudo parece parado. Os dias passam, mas ainda não entendo.

(A Árvore envelhece, suas folhas caem. Estática, não pode nem se comunicar, continua a refletir, ansiosa e indignada)

Árvore: Minhas folhas caem. Minha vida, aos poucos, se esvai. Não posso fazer nada para parar isso? Nasci apenas para morrer? Sem propósito? Quero continuar vivendo! Quero ter um propósito! Quero ser ouvida! Quero ser livre para viver como quero!

(A Árvore, agora velha, percebe em seus últimos suspiros)

Árvore: Finalmente, agora entendi! Há uma vida dentro de mim, uma floresta em movimento.

(A velha Árvore despenca. Em seu tronco morto, com o passar dos anos, uma nova muda ressurgiu, se questionando sobre a sua existência).

Fotografia 5 – A perda da fruta que apodrece



(Fonte: foto de estudante do COLTEC – UFMG – Renan (nome fictício), outubro de 2022)

Esses exemplos demonstram as diversas maneiras que os alunos encontraram para unir o significado de todas as fotos do grupo e para trabalhar o tema perdas em forma de arte. Assim como os exemplos mostrados no início da aula, as criações mantiveram o formato de texto curto, com falas, rubricas e tendo como tema principal as perdas. Ao final, cada grupo deveria ler seus textos em voz alta. Porém, alguns pediram para atuar enquanto faziam uma leitura dramática, o que foi aceito para quem quisesse. Para finalizar, pedimos às turmas um retorno em relação a todo o processo, sobre o que poderíamos melhorar e o que acharam, como se sentiram durante e após.

No retorno que recebemos dos alunos encontramos mensagens positivas e anônimas como:

“A aula foi muito boa, já que ativou a minha criatividade e descobri como são feitas as cenas do teatro”; “A atividade em sala foi interessante, dando liberdade para os alunos.”; “Achei bastante interessante e intuitivo a aula. Aprendemos sobre teatro e treinamos nossas habilidades literárias, criativas e fotográficas em uma cajadada só.”; “Foi uma atividade muito interessante que despertou em mim o interesse de saber

mais sobre a dramaturgia.”; “Gostei bastante da aula, pois ajudou a sermos mais observadores para a tirar as fotos. Também achei muito divertido a parte para interligarmos as imagens, proporcionou boas risadas.”; “A atividade na qual tínhamos que tirar uma foto sobre o tema perdas e reunir alguns grupos para criar uma historinha em cima das fotos foi interessante, divertida de se fazer, além de ter promovido diálogo e trabalho em grupo entre pessoas que não costumo conversar, tendo ajudado na minha socialização. Foi relativamente fácil de pensar em alguma ideia para a foto. Gostei da atividade.”

Percebemos, de acordo com esses relatos, que a ideia de os juntar em grupos colaborou para aumentar a proximidade entre os colegas, pois os grupos iam sendo formados de acordo com a chegada de cada aluno, por isso, nem todos ficaram no grupo das pessoas que costumavam socializar. Além disso, percebo que foi o primeiro contato de alguns com o teatro e a dramaturgia, o que pode gerar interesse pela área. Alguns consideraram que a atividade os fez refletir sobre o significado da foto que irão tirar e que foi um momento de descontração em relação a formalidade dos estudos do dia a dia.

Também recebemos o retorno que dizia: “Tema complexo para pouco tempo de foto e, por isso, abordagem superficial dos grupos.”, o que demonstra que o aluno considerou que separamos pouco tempo para que acontecesse uma reflexão sobre o tema e que tirassem uma foto que se relacionasse com ele. Esse retorno nos demonstra que precisamos planejar melhor a divisão do tempo da aula se quisermos reproduzi-la em algum momento.

O QUE NÃO SERÁ PERDIDO

Ao refletir sobre todo o processo, percebo que ele funciona como uma experiência inicial que gera necessidade de continuidade de estudos, tanto na área de dramaturgia quanto na de ensino do teatro a partir do tema perdas. Partindo de reflexões sobre o que eu e meus amigos perdemos na adolescência e as consequências que a falta de comunicação e abordagem sobre esse tema nos traz até hoje, surgiu o desejo de alguma forma facilitar a abordagem de um tema considerado tabu para buscar uma adolescência com menos solidão e dores abafadas e silenciadas.

Visto que possui pontos positivos, como ter sido um momento que os alunos descreveram como de liberdade, socialização, descontração, que despertou o interesse no teatro e na dramaturgia ao mesmo tempo que os fez refletir e se tornarem mais atentos ao conteúdo da foto que produzem, acredito que foi produtivo e frutífero.

Essa vivência me incentiva a querer aprender mais sobre como ensinar e a pensar em uma melhor elaboração da aula que permitisse mais tempo aos alunos para cada etapa e que houvesse um maior preparo do ensino sobre dramaturgia para sanar dúvidas que foram

frequentes, como a diferença entre um roteiro e uma dramaturgia de cena curta e qual a necessidade de existir as falas dos personagens. Esses pontos negativos são um incentivo para a continuidade desse estudo.

Essa experiência me despertou o interesse em estudar o ensino de teatro a partir do tema perdas na infância e me faz desejar fazer uma pesquisa sobre quais brincadeiras infantis podem ser utilizadas para esse ensino. O que precisará de aprofundamento em outras áreas, como jogos e brincadeiras.

Sinto-me muito grata ao pensar no estágio, pois pude aprender mais sobre como dar uma aula de teatro, qual o preparo e as possíveis formas de aplicar o que foi planejado para que a proposta seja compreendida. Além de poder praticar o que já havia aprendido durante o curso e conhecer novas pessoas que foram tão gentis em relação à minha pouca experiência. Poder relembrar uma experiência do estágio para o meu Trabalho de Conclusão de Curso foi uma forma de dar continuidade aos meus estudos sobre um tema que muito me interessa.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **LEI Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**, Altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 04 de junho de 2023.

COLTEC UFMG, **Sobre o COLTEC**. Disponível em: <https://www.coltec.ufmg.br/coltec-ufmg/>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

FERNANDES, Sílvia. Apontamentos sobre o texto teatral contemporâneo. **Sala Preta**, v. 1, p. 69-80, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/anal/Downloads/57007-Texto%20do%20artigo-72212-1-10-20130621.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

COMPARATO, Fabiana, **Augusto Boal: Vida e Obra**, 2010. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

FERREIRA, Berta Weil, RIES, Bruno Edgar, **Psicologia e educação: desenvolvimento humano, adolescência e vida adulta**. In: Abordagens teóricas sobre adolescência – p. 21 a 34, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vClbe-7UuDgC&oi=fnd&pg=PA21&dq=perdas+na+adolesc%C3%A4ncia+%2B+fenomenologia&ots=FQy9us6m_x&sig=a2q9eh6RkqfFUneVZmQTAzSNsVc#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 01 de junho de 2023.

FIGUEIRA, Jorge Loureiro, **Hans-Thies Lehmann (1944-2022), o autor da última grande teoria teatral do século XX**, 2022. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/07/24/culturaipsilon/noticia/hansthies-lehmann-19442022-autor-ultima-teoria-teatral-seculo-xx-2014518>. Acesso em: 03 de junho de 2023.

HERCOWITZ, Andrea, **Manual de Atenção à Saúde do Adolescente - SEÇÃO III: Atenção Integral da Saúde**, In: Desenvolvimento Psicológico – p. 107 e 108. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/documents/52800/858380/Manual+de+Aten%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Sa%C3%BAde+do+Adolescente/39528dd8-0202-48e4-af1f-9de7820fe131#page=96>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

LIMA, Joyce Rodrigues de, **A fotografia como estímulo para a construção de uma dramaturgia teatral**, Seção: Territórios e Fronteiras da Cena, v. 9 n. 1 (2008): V Congresso da ABRACE, 2018. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1618>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

MACHADO, M. M. Vida ou morte para o teatro infantil? Contrapontos. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 42, n. 42, p. 01–20, 2020. DOI: 10.19179/2319-0868.783. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/783>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

MOREIRA, Laura Alves, **Dramaturgia: A arte de ator em processos colaborativos**. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/10art_LauraMoreira.pdf. Acesso em: 28 de maio de 2023.

PAIVA, Lucélia Elizabeth, **A Arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores, Aparecida, SP: Ideias&Letras, 2011.

PAVIS, Patrice, tradução de Maria Lúcia Pereira, J. Guinsburg, Rachel Araújo de Baptista Fuser, Eudinyr Fraga e Nanci Fernandes, **Dicionário de Teatro**, São Paulo: Perspectiva, 1999.

PINHEIRO, Cleide Sanches, SILVA, Alessandro Antonio, **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, 2012. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_arte_artigo_cleide_sanches_pinheiro.pdf. Acesso em: 02 de junho de 2023.

RUSSEF, Janaina, **Teatro Imagem**, YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5aMlBahAf0>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

SENNA, S. R.; DESSEN, M. A. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 101–108, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17558>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SOUZA, Karina Pereira de Figueiredo, **A dramaturgia no pós-dramático – Procedimentos de criação de Pina Bausch e Denise Stoklos**, 2016. Monografia (Especialização em Artes Híbridas do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial - DADIN) - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Curitiba, 2016. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/17038/1/CT_CEART_I_2016_11.pdf. Acesso em: 29 de maio de 2023.

ITAÚ CULTURAL, Teatro do Absurdo. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo13538/teatro-do-absurdo>. Acesso em: 08 de junho de 2023. Verbete da Enciclopédia.